

Territórios Morfológicos

Do cheio para o Vazio

Luísa Valente

Universidade da Corunha

Praça Rainha D. Amélia, 26 1ª Dto, Porto Telefone/fax: 916728085

luisavalente@netcabo.pt

Palavras-chave: Território morfológico, Cidade contemporânea, Espaço Público, Vazio Urbano.

Pretendemos expor algumas questões indagativas acerca da leitura perceptiva do território metropolitano contemporâneo. O território metropolitano é hoje fruto de gigantescas transformações decorrentes das mudanças da economia pós – fordista, a chamada cidade pós-industrial. O território metropolitano configura-se complexo e mutante, fragmentado e retalhado, permeado por vazios urbanos e mudanças de usos e significados: emergem as mutações urbanas.

Neste sentido, parece-nos urgente retomar a questão da percepção urbana a partir de uma análise cruzada entre conceitos e imagens, para que se possa tentar elaborar um novo estatuto de mapeamento cognitivo de um território metropolitano hoje tão mutante.

A arquitectura é o instrumento que dá forma à cidade, nas suas morfologias e percursos, na morfologia do edificado, do espaço público e dos processos de transformação. Assim sendo, existe uma relação profunda entre facto arquitectónico e facto urbano entre o processo de construção e planeamento que traduz-se no espaço, no tempo e na memória colectiva do cidadão.

A cidade entendida como arquitectura, traduzida no tempo, cresce sobre si, adquire consciência e memória, mantendo a permanência dos traços originários. Na sua construção, a cidade esclarece os motivos das suas transformações e do próprio desenvolvimento. Existe, neste processo, uma permanente relação entre o particular e o universal, entre o individual e o colectivo, entre o privado e o público.

É preciso repensar os espaços públicos, reflectindo a arquitectura e o urbanismo. É esta nova capacidade de visão e de pensamento estratégico que permitirá projectar. A forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade. A construção da cidade, ou de uma parte de cidade,

“combina ao longo do tempo diversas operações sobre terreno e edificação e a complexidade do seu resultado não é apenas a repetição dos tipos ou justaposição de tecidos, mas exprime o processo de encadeamento no qual as formas e os momentos construtivos se sucedem com ritmos próprios” (Sola Morales, 1997).

Na cidade contemporânea um dos maiores recursos para a sua avaliação reside em discutir a condição dos espaços vazios – lugares degradados, “obsoletos” ou marginais, outros filhos ilegítimos do próprio paradigma da Cidade Moderna que se encontram disseminados desde o tecido urbano consolidado às periferias, e formam uma rede de hipóteses que devem ser avaliados em conjunto, que podem e devem produzir um profundo impulso reformador da cidade- os espaços - Vazios urbanos - *Terrian Vague* ou *Brownfields* são designações atribuídas a estes lugares que devem estar presentes de forma consciente e concertada, nos planos estratégicos das Cidades.

Permite uma reflexão sobre a cidade(s), esses lugares ímpares e extraordinários de criação e oportunidade e permitem também uma reflexão sobre a Área Metropolitana do Porto, procurando gerar perspectivas que lhe entreguem novos protagonismos, melhores desempenhos e uma outra dimensão de projecto.

Formam uma verdadeira rede de hipóteses, que, quando avaliadas em conjunto, podem produzir um profundo impulso reformador da cidade que deveriam estar presentes de forma consciente e concertada, nos planos estratégicos das cidades porque possuem potenciais estratégicos para o desenho urbano.

Os vazios urbanos destacam-se como elementos morfológicos estruturais das cidades, apresentando-se como essenciais para entendê-los na sua génese e nas suas transformações. Os vazios, como parte da morfologia urbana, são áreas passíveis de intervenção, que podem desempenhar importante papel nas mudanças da organização, desenho e qualificação da cidade nas suas diferentes escalas.

O vazio metropolitano – os espaços livres de diferente natureza – é pelas suas características um elemento base da forma metropolitana, como suporte activo dos modos e dos processos de ocupação ocorridos na formação metropolitana e como espaço negativo estruturante do crescimento urbano. São espaços de articulação metropolitana.

Numa perspectiva morfológica, Matosinhos, concelho coalescente ao Porto, reúne as características e um contexto metropolitano privilegiado para esta investigação, um conjunto variado e diferenciado de peças, malhas e camadas, mostra uma dinâmica local muito própria (outroza fortemente industrial, recentemente fortemente terciarizado), concentrando um grande número de infra estruturas metropolitanas e participa activamente no processo de expansão urbana da Metapolis do Porto.

O objectivo é compreender o papel dos sistemas de vazios numa área metropolitana, entre a sobreposição de redes de infra-estruturas, de concentrações e centralidades de empregos e funções, e de mosaicos de quarteirões residenciais ou seja as relações sócio - espaciais entre os quarteirões, as redes e os vazios intersticiais.

Compreender o protagonismo do vazio não somente como paradigma de constatação dos vários fenómenos urbanos contemporâneos, mas sobretudo, como paradigma de transformação e sustentabilidade da urbanidade metropolitana

Referências

Jorge Benavides Solís, *Diccionario Urbano Conceptual y Transdisciplinar*, Barcelona: Ediciones del Serbal, 2009.

François Ascher, *Novos Principios para o Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos*. Um Léxico, Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

Marc Augé, *Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: 90º Editora, 2005

Ignasi de Solà-Morales, *Territórios*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002

Jordi Borja, Zaida Muxi, *El Espacio Público: Ciudad y Ciudadanía*. Barcelona: Electa, 2003

Nuno Portas, "Do vazio ao cheio". Cadernos de Urbanismo nº2